



Da devoção ao simulacro à revolução do popular: considerações sobre os meios de comunicação e a cultura¹

Janine BARGAS²
Universidade Federal do Pará, Belém, PA

RESUMO

Quando falamos de observação de realidades, de percepções diferenciadas da vida, ou mesmo, de vida real ou vida não-real, a força de tais expressões quase que nos obriga a nos interpelarmos sobre quais referenciais são estes e como se dá a formação do nosso eu, seja do ponto de vista social ou subjetivo. O que se pretende aqui não é nada mais do que apontar o pensamento de Jean Baudrillard, mostrando sua aplicabilidade, mas também apontando suas lacunas, a partir de outras formas de pensar o mundo e construir o conhecimento. A ideia não foi aprofundar o debate nas questões da “revolução do popular”, e sim respirar o ar de uma outra discussão. Foi, e ainda é, uma renúncia a necessidade de escolha de uma verdade, mas a aceitação de múltiplos olhares, de uma multiplicidade típica do social e da construção do pensamento.

PALAVRAS-CHAVE: Simulacro; Sociedade de massa; Estudos culturais; comunicação.

INTRODUÇÃO

“Quando o real já não é o que era, a nostalgia assume todo o seu sentido”. Esta frase é de autoria de Jean Baudrillard, autor francês que se dedicou a fazer um diagnóstico dos tempos atuais. Ora, a afirmação, certamente, nos faz perceber familiaridade na sua significação e possíveis interpretações. A pretensão do autor nada mais é de nos mostrar que algo mudou; e mais, a nossa percepção de mundo é dada hoje a partir de outros referenciais.

Quando falamos de observação de realidades, de percepções diferenciadas da vida, ou mesmo, de vida real ou vida não-real, a força de tais expressões quase que nos obriga a nos interpelarmos sobre quais referenciais são estes e como se dá a formação do nosso eu, seja do ponto de vista social ou subjetivo. Ora, isso nos leva a pensar, de imediato, no papel que os meios de comunicação desempenham na atualidade.

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Estudos Interdisciplinares, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Recém-graduada em Comunicação, com habilitação em Jornalismo, pela Faculdade de Comunicação da Universidade Federal do Pará (Facom-UFPA), email: ninebargas@gmail.com



Neste ensaio pretende-se mostrar como, ao longo da história, os chamados *media*³ tornaram-se fatores de extrema relevância, seja a partir de um olhar local, ou de um olhar global, tal como o desenvolvimento das tecnologias nos permitem ver hoje. Pretende-se, ainda, mostrar como os *media* tem função estratégica na criação dos simulacros e simulações e do “fim do social” de que fala Jean Baudrillard. A ideia é refletir sobre esta constatação apontando, também, a emergência de um novo olhar, a partir, especialmente, dos estudos culturais. Um olhar que nos permite enxergar a força que tem o popular, a cultura popular, em relação à sociedade de massas.

1. O avanço das tecnologias: do advento dos meios de comunicação à mediação social

A comunicação está em todos os lugares. O homem para ser social precisa comunicar-se. Neste sentido, a palavra comunicação tornou-se a força motriz das relações sociais contemporâneas, nos mais diversos níveis e campos. Segundo Duarte,

Passou, por isso mesmo, a ter sua definição expressa nos mais diferentes contextos e descrevendo os mais variados fenômenos nos campos do saber, como por exemplo: as intercomunicações celulares, na Biologia; a formação das redes neurais nas Ciências Cognitivas; os fenômenos de troca de calor, na Termodinâmica; os estudos dos meios de comunicação de massa e os estudos do corpo como plataforma de significados, vistos tanto na Sociologia quanto na Antropologia. Não é preciso aprofundar-se na aplicação do termo noutros campos da ciência para enxergar o seu uso diversificado (SILVA, 2003, p. 41).

Por que pensar as realidades atuais a partir do papel dos meios de comunicação? A resposta está no curso da história humana. Nela, encontraremos as pistas que levam a uma compreensão sobre o papel e o poder da comunicação e dos *media* na contemporaneidade. A começar por um período de profundas transformações

³ *Media* (plural de *medium*, meio em latim). Nos EUA, onde se desenvolve intensamente, desde o século XIX, uma indústria de comunicação surgiu a expressão “mass media”. No Brasil, o segundo termo aportuguesado gerou “mídia”. Mas, na literatura portuguesa da área de comunicação, que tem em Adriano Duarte Rodrigues um dos autores mais lidos no Brasil, é corrente o uso do termo “os media”.



políticas, no qual observa-se, claramente, a construção de um projeto ideal, como assinala Néstor García Canclini: o projeto da modernidade. Trata-se não somente de um projeto ideológico, mas de processos que reconfigurariam as posições das classes e dos indivíduos na sociedade.

John B. Thompson, apoiado em pensadores como Marx e Weber e em estudos mais recentes sobre a sociedade, considera que três foram as linhas principais de transformação que constituíram as sociedades modernas na sua emergência: a econômica, com o desenvolvimento do mercantilismo como principal sistema – aquele no qual, para Martín-Barbero (2008, p. 133), “a economia deixa de ser ‘doméstica’ e se converte em economia política” – e posteriormente a consolidação do capitalismo; a política, oriunda da formação dos Estados-Nação; e a terceira de cunho militar, diante do importante papel exercido pelas forças bélicas e a preparação para as guerras. Configurando o poder em quatro tipos, a saber: o poder econômico, o político, o simbólico e o coercitivo.

O engendramento de poderes, alicerçados em dispositivos de distintas naturezas, marca a *re*-significação da sociedade como um todo, de onde brotam novas significações e relações que reconfigurariam a trajetória do homem no mundo.

Neste contexto, as diferenças culturais se apresentavam como obstáculos ao desenvolvimento do sistema e à unidade do poder. Elas impediam a livre circulação de mercadorias e a libertação do homem de seus laços afetivos. As diversidades deveriam ser dissolvidas, o plural deveria ser singular e a cultura popular, como que numa constante da história humana, perdia o direito de existir.

O surgimento da indústria editorial criou novos centros e novas redes de poder simbólico, que se baseavam principalmente nos princípios da produção mercantil, e que eram por isso mesmo, relativamente independentes do poder político e simbólico controlados pela Igreja e pelo Estado (THOMPSON, 1998, p. 57).

Com o passar dos anos e séculos e com o aprimoramento das tecnologias eletrônicas o mercado simbólico ganhou proporções de larga escala: as relações sociais passaram a ser cada vez mais mediadas por aparatos técnicos e esses aparatos eram utilizados por um número crescente de indivíduos. A relativização do espaço-tempo proporcionada pelas novas tecnologias da informação e comunicação, inserida nesse



processo amplo de globalização, para além das discussões de quando foi iniciada, provocou mudanças profundas nas sociedades contemporâneas.

A partir desse processo de intensificação dos fluxos, as percepções da realidade tem sido profundamente influenciadas pela tecnologia. Em virtude da complexidade assumida pelas sociedades contemporâneas, distanciar-se hoje dos meios de comunicação é uma tarefa quase impossível. As interações entre os diversos campos sociais passam pelo campo midiático, “único campo hoje capaz de fazer a mediação social e simbólica entre os demais” (BRITO, 2007, p. 2). Para Oliveira (2002, p 59), o papel que esse campo assume passa a ser, então, o de “construtor de novas formas de sociabilidade e discursividade” somente possível pelo desenvolvimento de novas tecnologias.

2. A pós-modernidade: a construção dos simulacros, a sociedade de massas e o “fim do social”

A partir da noção anteriormente explicitada, isto é, a das transformações que possibilitaram o advento dos meios técnico-informacionais como estratégicos e determinantes na vida das sociedades, podemos entender de forma mais clara o que alguns autores pretendem explicar como pós-modernidade⁴.

Falar de uma só pós-modernidade seria, de fato, arbitrário. É grande o número de pensadores que se debruçam sobre o estudo desta era, ou paradigma, ou, simplesmente, realidade(s). Definir, a um só tempo, a pós-modernidade é equívoco. Existem várias conceituações, sendo estas, inclusive, por vezes, contraditórias. Sendo assim, o que marcaria, então, o fim da modernidade e o início da pós-modernidade? Trata-se, na verdade, de mudanças processuais. Antony Giddens, um dos autores-chave da atualidade, afirma que a pós-modernidade já pode ser visível, mas que esta ainda não está instalada.

⁴ É importante estabelecer neste estudo a diferença entre os termos **pós-modernidade** e **pós-modernismo**. Enquanto o primeiro faz referência ao paradigma da modernidade, especialmente nos aspectos sociais e econômicos, este corresponde ao desenvolvimento cultural e artístico que se coloca em contraposição ao modernismo. No entanto, vale observar que tais termos não estão desconectados entre si. O termo **pós-modernidade** começou a ser utilizado por volta da década de 1930. É importante, ainda, ressaltar que os autores pós-modernos fazem um diagnóstico da contemporaneidade. Não há, nestes pensamentos, uma apologia a este ou aquele modelo, ou uma recomendação de como se viver, mas uma constatação de como se vive.



Com fins didáticos, propõe-se, aqui, como marco histórico, o período imediatamente após a 2ª Grande Guerra Mundial (1939-1945). É a partir daí que podemos perceber, entre outros aspectos, a desconstrução de instituições tipicamente modernas, tais como o Estado-Nação.

Outras mudanças também devem ser observadas. Os chamados movimentos sociais clássicos, ou seja, aqueles movimentos que tinham como propostas as grandes revoluções e que estavam mais ligados à organização de classes sociais, declinaram. Novos movimentos foram surgindo e seus interesses não giravam mais em torno das classes ou de modelos econômicos; os pequenos projetos, aqueles pontuais e específicos, tornaram-se os motores das mobilizações.

Assim, na pós-modernidade, a pretensão de universalização é ilegítima, pois vivemos num mundo cada vez mais segmentado e diverso. Trata-se, segundo Lyotard (2008), da queda dos discursos universalizantes, que, na modernidade, explicavam a vida social. É o que ele chama de queda dos metadiscursos ou metanarrativas. “O pós-moderno, enquanto condição de cultura nesta era, caracteriza-se exatamente pela incredulidade perante o metadiscorso filosófico-metafísico, com suas pretensões atemporais e universalizantes” (BARBOSA *apud* LYOTARD, 2008, p. 8).

Enquanto a modernidade é uma ruptura com a tradição, com o tradicional, o pós-moderno, a pós-modernidade é a tentativa de incorporação de todos os discursos: não há, necessariamente, uma supremacia. Baudrillard, em *Simulacros e Simulação* (1991), já nos alerta que não mais existem diferenciações de contextos e parâmetros rígidas. Para este autor, o social, o econômico, o político, o cultural estão todos imbricados, dentro de um contexto maior. Não há a negação do tradicional ou do moderno ou qualquer ruptura; o que há é a não utilização desses conceitos como únicos princípios norteadores das sociedades.

O cenário da pós-modernidade é caracterizado pela informatização da sociedade. Os esforços estão no sentido de produzir, a partir de uma lógica mercadológica, tecnologias e discursos que estão a serviço do próprio mercado e do lucro.

Vivemos, assim, imersos em discursos múltiplos, em um mundo cheio de possibilidades, no qual a ciência não é mais a legitimadora desses discursos, tal como acontecia na modernidade. Os pressupostos, agora, são os da incerteza e da não linearidade. Nossa percepção é, hoje, a dos riscos planetários, das ameaças mundiais, graças à “cotidianização da tecnologia” (BARBOSA *apud* LYOTARD, 2008, p. 8).



O tempo da pós-modernidade é marcado pela superficialidade e pela relativização. O referencial não é o passado, nem, muito menos, o futuro; é simplesmente o presente.

Tal como já vimos, somos ininterruptamente atingidos ou interpelados pelos discursos. Os signos tomaram conta das realidades. As representações são complexas. É neste sentido que a difusão desses discursos é eficaz pelo desenvolvimentos dos meios de comunicação. “O objeto é o discurso, que promove intercâmbios virtuais incontroláveis, para além do objeto. Os signos estão criando novas estruturas diferenciais que ultrapassam qualquer conhecimento atual. Ainda não sabemos onde isso vai dar” (BAUDRILLARD, 2003, Revista Época).

Segundo Baudrillard, vivemos de produzir e consumir imagens e essas imagens não, necessariamente, têm a ver com o real. A imagem criada na modernidade é uma distorção da realidade. Na pós-modernidade, a sociedade matou a realidade; por meio de símbolos e ícones que querem se propor como reais, construiu uma *hiper-realidade*. A cópia, a partir da cópia é o *hiper-real*. Como esta não tem contato com a realidade, ganha a condição de *simulacro*; e, este simulacro, por sua vez, se pretende ser o real ou mesmo mais real que o próprio real. “é a geração pelos modelos de um real sem origem nem realidade: hiper-real” (BAUDRILLARD, 1991, p. 8).

Poderia aqui tomar inúmeros exemplos de como o desenvolvimento das tecnologias, especialmente aquelas aplicadas ao aprimoramento dos meios de comunicação, tem relação direta com o que Baudrillard aponta como simulacro. “Temos que pensar nos medias como se fossem, na órbita externa, uma espécie de código genético que comanda a mutação do real em hiper-real” (BAUDRILLARD *apud* SIQUEIRA, 2007).

A televisão, que, na América Latina tem alcance e influência notórios, é exemplar. Com seus produtos televisivos – jornalismo, novelas, *talk shows*, entre outros gêneros – e com suas técnicas apuradas promove, em larga escala, a difusão do não real que se pretende ser real; do *hiper-real*.

A televisão. Verdadeira solução final para a historicidade de todo o acontecimento. Fazem-se passar os judeus já não pelo forno crematório ou pela câmara de gás, mas pela banda sonora, pela banda-imagem, pelo ecrã catódico e pelo microprocessador. O esquecimento, o aniquilamento, alcança assim, por fim, a sua dimensão estética – cumpre-se no retro, aqui enfim elevado à dimensão das massas (*Ibid*, p. 67).



A Internet surge, também, nesta era, sendo apontada como revolucionária por proporcionar, entre vários fatores, o virtual, a interatividade entre os **perfis** (verdadeiros ou não), a simulação, os efeitos, a convergência midiática. Tudo com o intuito de “servir” o homem, de “facilitar” a vida tão complexa hoje e de proporcionar, também, o prazer.

A sedução dos meios de comunicação, agora de massa, se expande e a sociedade se rende. A indústria cultural, sobre a qual tanto nos alertaram Adorno e Horkheimer⁵ está hoje cada vez mais consolidada e a produção para a massa é a tônica do mercado. Baudrillard, em sua outra importante obra *A Economia Política dos Signos*, fala sobre o sinal-valor, isto é a sensação de poder se torna mais importante do que, verdadeiramente, o valor de troca ou de uso da mercadoria.

“No começo de minha carreira intelectual, nos anos 60, escrevi um ensaio intitulado 'A Economia Política dos Signos', a indústria do espetáculo ainda engatinhava e os signos cumpriam a função simples de substituir objetos reais. Analisei o papel do valor dos signos nas trocas humanas. Atualmente, cada signo está se transformando em um objeto em si mesmo e materializando o fetiche, virou valor de uso e troca a um só tempo” (BAUDRILLARD, 2003, Entrevista à Revista Época).

A sociedade de massas se dá pela eliminação das diferenças (homogeneização) e pela expansão e consolidação tanto da indústria cultural, quanto pela difusão do sinal-valor. Esse processo faz com que a sociedade se desconecte da realidade. Sem multiplicidade não existe sociedade. Logo, quando se fala em massa, não se fala em sociedade. Esta se tornou inerte e indiferente ao próprio social. A própria ideia de massa é caótica, tal qual a pós-modernidade, onde, até mesmo a Sociologia não se sustenta mais como princípio universalizante. A massa não tem fundamento sociológico. “Quando tudo, inclusive o social, se torna valor de uso, o mundo se tornou inerte” (BAUDRILLARD, 1993, p. 67).

Tal consumo, para Jean Baudrillard, levou as sociedades a abrirem mão da crítica e do pensamento analítico. A relativização totalitária da pós-modernidade levou

⁵ Indústria cultural foi um termo criado por dois pensadores da Escola de Frankfurt (Alemanha), Theodor Adorno e Max Horkheimer. Este termo designa um conjunto de produções simbólicas realizadas a partir da lógica capitalista. Ou seja, os filmes que vimos, as músicas que ouvimos, os programas que participamos não são inocentes. Tudo é teleológico; e uma teleologia baseada nos princípios do lucro.



ao “fim do social”; à crise da politização do homem. Não mais existem grandes projetos revolucionários, referenciais temporais, espaciais; não há princípios, somente o desejo de assistir o espetáculo.

A massa abandona, assim, deliberadamente, sua capacidade de racionar e refletir sobre a realidade. Existe um pânico do real, porque pensar sobre o real pressupõe colocar à nossa vista as patologias do mundo. “As massas absorvem toda a eletricidade do social e do político e as neutralizam, sem retorno. Não são boas condutoras do político, nem boas condutoras do social, nem boas condutoras no sentido gera” (BAUDRILLARD *apud* SIQUEIRA, 2007).

O aprimoramento das técnicas lançam um desafio: como ser mais humano quando as tecnologias nos confrontam cada vez mais com inúmeras possibilidades e incertezas?

É neste sentido, que, neste estudo, além de apresentar aspectos do pensamento de Baudrillard, pretende-se também apontar outras possibilidades.

3. Dos pequenos projetos e a revolução do popular: breves considerações

Acredita-se que a visão de que os meios de comunicação não possuem nada de positivo, por serem eles motores dos simulacros, é absoluta de mais para dar conta do que de fato eles representam. Quando Jean Baudrillard aponta o poder hegemônico dos *media* acaba por ele também negligenciar toda e qualquer forma de diversidade de pensamento acerca da recepção e decodificação desses códigos midiáticos, ou seja, uma outra semiótica provável.

Tomando como base de pensamento tem-se, aqui, uma inspiração nos Estudos Culturais⁶ – aqueles que tomam como norteadores os princípios da cultura para a explicação sobre o social – nos quais podemos observar, ao contrário do que nos mostra Baudrillard, que não deve haver uma ideia de hierarquia das culturas. Neste sentido, portanto, não há uma supremacia da cultura de massa.

Os estudos culturais compõem, hoje, uma tendência importante da crítica cultural que questiona o estabelecimento de

⁶ “A questão da relação entre práticas culturais e outras práticas em formações sociais definidas, isto é, a relação do cultural com o econômico, o político e as instâncias ideológicas, pode ser considerada enquanto um questionamento-chave na construção da tradição dos estudos culturais” (ESCOSTEGUY, 2010, p. 68)

hierarquias entre formas e práticas culturais, estabelecidas a partir de oposições como cultura “alta” ou “superior” e “baixa” ou “inferior”. Adotada essa premissa, a investigação da “cultura popular” que assume uma postura crítica em relação àquela definição hierárquica de cultura, na contemporaneidade, suscita o remapeamento global do campo cultural, das práticas da vida cotidiana aos produtos culturais, incluindo, é claro, os processos sociais de toda produção cultural (ESCOSTEGUY, 2010, p. 68).

A ideia de superioridade de uma sociedade de massa, como aquela composta por indivíduos iguais que giram em torno de si mesmo numa dita democracia, como a que podemos observar de maneira mais clara nos Estados Unidos deve ser rompida. Na América Latina, a partir do mesmo ponto de vista, podemos enxergar múltiplas outras possibilidades e diversidades de interpretação do real – e não que isto não exista nos Estados Unidos. Aqui, as nuances do cultural são mais latentes. Quando pensamos nas multidões como massa, sem qualquer possibilidade de ruptura, estamos sendo conduzidos a um pensamento míope e seduzidos pelo cinismo do pensamento fácil.

Do plural dos povos à unidade do povo convertido em nação, e *integrado* a partir da centralidade do poder estatal, põe-se em marcha a inversão de sentido que tornará visível a cultura popular no século XIX. E quando a cultura de massa se apresenta como cultura popular, não fará senão continuar a substituição que a Nação fez do povo, no plano político. Substituição que só foi possível mediante a dissolução do plural que, instituindo a integração, realizava a centralização estatal (MARTÍN-BARBERO, 2008, p. 135).

Podemos apontar para uma outra perspectiva diferente da de Baudrillard, não seria, assim, a crise do político ou o fim do social, mas, no nível da cotidianidade, uma transformação qualitativa. Percebemos, ainda, a contradição desta era. Na medida em que os grandes projetos não são mais possíveis, e sim as pequenas causas e as peculiaridades, o massivo se torna o lugar da emergência do popular que coloca a “experimentação pessoal como o valor supremo” (*Ibid*, p. 96).

Jesus Martín-Barbero, filósofo espanhol que vive na Colômbia, ao empreender estudos sobre a cultura e os meios de comunicação, nos alerta para a redescoberta do popular e critica os modismos teóricos que tentaram negar sua



importância no curso da história humana. Esse novo posicionamento da construção do saber, especialmente no âmbito das ciências sociais, reorganiza os debates e os posicionamentos epistemológicos; e vai além, nos mostra a necessidade de valorizar o popular como uma construção alternativa, como uma outra possibilidade.

O resgate positivo da cultura popular num momento de crise, como o que atravessam as esquerdas, não podia senão levar a exagerar essa positividade, até fazer da capacidade de resistência a resposta das classes subalternas a chave quase mágica, a força donde proviria, o novo impulso “verdadeiramente” revolucionário (*Ibid*, p. 113).

E ainda, neste sentido, “insistiu-se tanto na contraposição da cultura subalterna e da hegemônica, e na necessidade política de defender a independência da primeira, que ambas foram pensadas como exteriores entre si” (CANCLINI *apud* MARTÍN-BARBERO, 2008, p. 113).

O que se pretendeu aqui não é nada mais do que apontar o pensamento de um autor, mostrando sua aplicabilidade, mas também apontando suas lacunas, a partir de outras formas de pensar o mundo e construir o conhecimento. A ideia não foi aprofundar o debate nas questões da “revolução do popular”, e sim respirar o ar de uma outra discussão. Foi, e ainda é, uma renúncia a necessidade de escolha de uma verdade, mas a aceitação de múltiplos olhares, de uma multiplicidade típica do social e da construção do pensamento.

REFERÊNCIAS

BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e Simulação**. Trad. Maria João da Costa Pereira. Lisboa: Relógio D’água, 1991.

BAUDRILLARD, Jean. Entrevista à Revista Época. 07/06/2003 *In*: <http://www.consciencia.net/2003/06/07/audrillard.html>).

BRITO, Rosaly de S.; MALCHER, Maria Ataíde. Amazônia: do oral ao digital. *In*: MELO, José Marques de; MORAIS, Osvando J. (Orgs.). **Mercado e Comunicação na sociedade digital**. São Paulo: Intercom; Santos: Unisanta, Unisantos e Unimonte, 2007.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. **Cartografias dos Estudos Culturais**. Uma versão Latino-americana. Ed. *On Line*. Belo Horizonte: autentica. 2010.



LYOTARD, Jean-François. **A Condição Pós-moderna**. 10. Ed. Trad. Ricardo Corrêa Barbosa. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2008.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. 5.ed. Trad. Ronald Polito e Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

OLIVEIRA, Valdir de C. **Comunicação, Identidade e Mobilização Social na Era da Informação**. In: Sociedade da Informação e Novas Mídias: Participação ou Exclusão? Ed. São Paulo: Intercom – Coleção Intercom de Comunicação, 2002.

SILVA, Eduardo D. G. Por uma epistemologia da comunicação. In: Maria Immacolata Vassalo de Lopes. (Org.). **Epistemologia da Comunicação**. 1. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

SIQUEIRA, Holgosi Soares Gonçalves. Jean **Baudrillard: importância e contribuições pós-modernas**. Publicado no Caderno MIX - Ideias - Jornal *Diário de Santa Maria*. Ed. de 31/03 - 01/04/2007

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis: Vozes, 1995.